

“A revolução democrática antiburguesa”: uma leitura da Revolução Russa*

Lars T. Lih**

Resumo: Proponho uma nova categoria para descrever a Revolução Russa de 1917: “revolução democrática antiburguesa”. O “poder soviético” foi proclamado, de fato, durante a Revolução de Fevereiro, em 1917. A força básica por trás desse novo poder ou autoridade soberana – os trabalhadores, soldados e camponeses que constituíam o eleitorado dos soviets – era hostil à *burjúi* tanto em seu sentido estrito de proprietários industriais como em seu sentido mais amplo de *tsenzoviki*. O objetivo central dessa revolução era realizar o vasto programa de reformas anteriormente denominado pelo termo “revolução democrática” – antes de tudo, terra para os camponeses e liquidação dos *pomiéshchiki* (aristocracia rural) enquanto classe. O comprometimento positivo com as instituições socialistas era muito menos poderoso do que uma atitude negativa em relação à burguesia, não só enquanto indivíduos mas também enquanto valores burgueses.

Abstract: I propose a new category to describe the Russian revolution of 1917: the “anti-bourgeois democratic revolution.” “Soviet power” was actually proclaimed in during the February revolution in 1917. The basic force behind this new power or sovereign authority – the workers, soldiers and peasants who made up the constituency of the soviets – was hostile to the *burzhui* both in its narrow meaning of industrial owners and in its wider meaning of the *tsenzoviki*. The central aim of this revolution was to carry out the vast program of reforms earlier denoted by the term “democratic revolution” – first and foremost, land to the peasants and liquidation of the *pomeshchiki* (gentry landowners) as a class. Commitment in a positive way to socialist institutions was much less powerful than a negative attitude toward the bourgeois as individuals as well as toward bourgeois values.

Palavras-chave: Revolução, Rússia, soviets.
Key words: Revolution, Russia, soviets.

*Artigo submetido em 04 de outubro de 2017 e aprovado em 21 outubro de 2017.

Uma versão deste artigo foi publicada pela revista *Jacobin*, com o título "From February to October".

** Ph.D. em Ciência Política pela Princeton University (1984). Foi professor da Duke University e do Wellesley College. Atualmente é Professor Adjunto da Schulich School of Music, McGill University, Montreal, Canadá. Publicações recentes: *Lenin Rediscovered* (2006) e *Lenin* (2011). E-mail: larslih@yahoo.ca

Como se sabe, uma parte básica do léxico marxista são os termos "revolução democrático-burguesa" e "revolução socialista". Estes termos são aplicados à revolução de 1917 pelos estudiosos soviéticos ao contrastarem a Revolução de Fevereiro com a de Outubro: a primeira, democrático-burguesa, e a segunda, socialista. Mas os soviéticos estão longe de ser os únicos a usar esse esquema básico. Trótski e seus seguidores o usavam para sugerir que, antes do retorno de Lênin à Rússia, os bolcheviques de Petrogrado, incluindo Stálin e Kámenev, não pretendiam ir além de uma revolução democrático-burguesa, enquanto Lênin, em suas Teses de Abril, falou hipoteticamente em revolução socialista. Nessa questão, Trótski teve enorme influência na escrita acadêmica anglo-americana sobre a revolução. Por fim, lá também existe uma versão popular desse esquema do "público-leitor educado" que faz o mesmo contraste entre Fevereiro e Outubro: a de Fevereiro é a revolução boa, da liberdade política e da democracia; a de Outubro é a ruim, a revolução ilegítima da tirania e do utopismo extremista.

Usarei uma versão modificada do esquema marxista para sugerir, em seu lugar, uma forte *continuidade* entre Fevereiro e Outubro. Minha abordagem dessa questão, no entanto, é antes hobbesiana que marxista: a Revolução Russa e seus desdobramentos não deveriam ser vistos nem sob a égide de Marx (a missão de classe) nem de Locke (o consentimento dos governados), mas sob a de Hobbes (a necessidade urgente de uma autoridade única e soberana incontestada).

Argumentarei que, desde os seus inícios em Fevereiro, o levante de 1917 como um todo deveria ser visto como uma *revolução democrática e antiburguesa*. O poder dos soviets foi proclamado de fato em Fevereiro; o papel de Outubro foi confirmar que ele não sairia de cena pacificamente. A força básica

por trás desse novo poder ou autoridade soberana – o eleitorado soviético – era o povo, o *naród*, os trabalhadores, soldados e camponeses, a turba, seja como for que os chamemos, contra a elite, os *tsenzoviki* (termo pejorativo para a elite cultural, derivado do requisito de propriedade ou “censo”, para os eleitores), a alta sociedade educada. O objetivo central desta revolução era realizar o vasto programa de reformas anteriormente denominado pelo termo “revolução democrática” – antes de tudo, terra aos camponeses e liquidação dos *poméschiki* (aristocracia rural) enquanto classe. A revolução era mais antiburguesa do que pró-socialista, a menos que “socialismo” significasse “o programa do povo”.

O fato surpreendente não é a base social da revolução nem os valores antiburgueses desta base, mas sim a criação quase simultânea, após a queda do tsar, de um candidato viável à autoridade soberana numa terra que dependia desse amplo eleitorado popular. As considerações seguintes propõem uma leitura dos acontecimentos a partir da perspectiva dessa autoridade soberana – uma perspectiva que de algum modo lança uma luz diferente sobre os acontecimentos a partir do contraste dramático usual entre Fevereiro e Outubro.

O poder do Soviete em Fevereiro: Um *Vlast* embrionário

Prefiro empregar o termo russo *vlast* ao termo “poder” – isto é, “poder soviético” equivale a *soviétskaia vlast* – porque as diferenças sutis entre os dois termos distorcem nossa forma de pensar sobre as questões em jogo em 1917. Aqui, entretanto, empregarei os dois termos de maneira mais ou menos intercambiável.

Em fevereiro, com a dissolução do longevo *vlast* tsarista – frequentemente denominado como “*vlast* histórico” –, a Rússia ficou essencialmente desprovida de um *vlast* funcional, isto é, sem uma autoridade soberana amplamente reconhecida.

da. Essa súbita ausência de *vlast* é uma questão importante, com ramificações imensas. Quase em questão de horas, após a queda da dinastia, o Soviete de Petrogrado assumiu o papel de fonte suprema do *vlast*, da autoridade soberana – embora nessa fase tenha tido o cuidado de não adotar ainda o nome. O Soviete era o representante eleito dos trabalhadores e dos soldados: uma diferença fundamental em relação à instituição homônima de 1905. Houve dois momentos fundamentais nessa afirmação de autoridade: primeiro, o Governo Provisório foi forçado a se comprometer com as principais partes do programa do Soviete, para ganhar legitimidade elementar e para vir a existir de fato. Em segundo lugar, através da assim chamada Ordem Número Um¹, o Soviete (quase sem querer) ganhou um atributo essencial a todo *vlast*, a saber, o controle sobre o meio supremo de coerção, o exército. Estes dois fatores – o comprometimento governamental em cumprir as principais pautas do programa do Soviete e a lealdade suprema das forças armadas ao Soviete, e não ao Governo Provisório – determinaram o curso da política para o resto do ano.

De acordo com alguns observadores bolcheviques da época, o Soviete era um “*vlast* embrionário”. Acho que essa é uma metáfora excelente, que leva à seguinte questão: o que seria preciso para que esse *vlast* embrionário se tornasse um *vlast* propriamente dito, independente, que pudesse defender a si mesmo? Acho que a seguinte lista é incontestável (baseada em escritores como Max Weber e Gaetano Mosca):

1. Um senso de missão – o que poderíamos chamar de legitimidade *interna*.
2. Uma reivindicação plausível de legitimidade, que inspire lealdade – ou, “legitimidade externa”.
3. O controle sobre os meios de coerção (na famosa definição de Weber, “monopólio dos meios legítimos de coerção”).
4. A habilidade para eliminar todos os rivais (nas palavras de Hobbes, um poder capaz de superar a todos).

¹ Em russo, *prikáz nómer odín*. (N. do T.)

5. Um programa abrangente para enfrentar os problemas nacionais essenciais do momento.

6. Uma ampla classe política para desempenhar o papel que o *dvoriánstvo* (a aristocracia sob o tsarismo) desempenhava na Rússia tsarista.

7. Uma máquina administrativa capaz de transmitir a vontade do *vlast* central por todo o país.

Em minha opinião, estas são as principais características de um *vlast* ou “poder” funcional. Em linhas gerais, o *vlast* embrionário do Soviete estabelecido em Fevereiro começou com algumas destas características de forma virtual, e depois estas e todas as outras características foram adquirindo cada vez mais solidez, primeiramente ao longo de 1917 e depois durante a guerra civil. Por exemplo, o Soviete adquiriu rapidamente a forma de uma instituição nacional através de uma conferência de toda a Rússia em final de março e de dois Congressos dos Sovietes (junho e outubro). Em contraste, o Governo Provisório foi progressivamente perdendo até aquelas características essenciais que ele tinha no início, e tornando-se cada vez mais espectral: no outono de 1917, um *vlast* fantasma.

A constituição tácita de 1917 e a luta contra o “acordismo”: uma narrativa “vlastocêntrica”

O conflito político em 1917 era conduzido dentro do que se pode chamar de uma constituição tácita que afirmava: a maioria dos soviets tem a palavra final em matéria de programa e de pessoal. Logo de início, Aleksandr Kêrenski foi inserido no governo como um representante do Soviete (Por esta e outras razões, o contraste geralmente feito entre um período inicial de “poder dual” e o período final de coalizão parece dispensável). No início de maio, o Governo Provisório propôs, mas o Soviete dispôs quando ele estava de acordo em aceder às exigências governamentais de enviar mais representantes ao

governo. É difícil imaginar uma iniciativa política importante sendo levada adiante contra a vontade explícita da maioria dos soviets. As diversas crises políticas que surgiram naquele ano terminaram quando a autoridade do Soviete tornou públicas as suas vontades, já que ela tinha o verdadeiro controle da força coercitiva. Isso foi verdade em março, abril, julho, agosto, e também em outubro.

A principal fonte de conflito estava no que era chamado, à época, de *krízis vlasti*, crise de poder. Geralmente, a questão era formulada da seguinte maneira: *dvoievlastie*, um poder dual, uma soberania dual, é uma contradição em termos – se o cachorro tem *dois* donos, então quem toma a decisão final, a quem realmente importa? Desse modo, “poder dual” é o mesmo que “múltiplo poder”, que é equivalente a absolutamente nenhum *vlast*: uma receita para a disfunção governamental. Precisamos de *um vlast* incontestável e reconhecido. Nesse ponto, as opiniões começaram a divergir. O partido liberal Kadet, o primeiro a levantar essa linha de pensamento, disse: por isso os soviets devem sair de cena. Os bolcheviques, que rapidamente adotaram esse argumento para os seus próprios propósitos, disseram: portanto, *todo* o poder deve ir para os soviets!

Do nosso ponto de vista, essa forma de encarar a questão é enganosa, já que ela obscurece o fato de que, para o bem ou para o mal, os soviets *tinham* o *vlast*. A jornalista americana Rheta Childe Dorr chegou em maio de 1917 e foi imediatamente informada de que o Soviete “é o único governo que nós temos agora na Rússia”. Ela informa seus leitores (em seu livro) que:

Os Sovietes, ou Conselhos de Delegados dos Trabalhadores e Soldados, que se espalharam como um incêndio pelo país, são o que há de mais próximo de um governo que a Rússia já conheceu desde os primeiros dias da revolução... Petrogrado não é a única cidade em que o Conselho dos Delegados dos Trabalhadores e Soldados assumiu o controle sobre o destino do povo russo. Todas as cidades tinham o seu conselho, e não havia questão, civil ou militar, que eles não se sentissem capazes de resolver.

A própria Dorr era extremamente hostil ao que sentia ser o

regime tirânico da multidão. Ela considerava que o domínio soviético não era em nada melhor, e em alguns aspectos até pior, que o dos tsares em questões como a da censura à imprensa. É preciso notar que esse livro foi publicado *antes* da Revolução de Outubro.²

Dadas as circunstâncias, a verdadeira questão era: poderia o programa soviético ser realizado através de uma parceria sincera com os reformistas da elite; ou a distância entre elite e *naród* em questões tão fundamentais como a guerra, a questão agrária e a regulação econômica era grande demais para ser superada? Os Bolcheviques rotularam essa tentativa de parceria entre classes de *soglachátelstvo* – um termo, em geral, equivocadamente traduzido como “conciliação” ou (pior) “compromisso”, mas que pode ser traduzido de uma maneira muito mais direta como “acordismo”. Então, a questão anterior ao eleitorado soviético era: seria viável o acordismo? Sim, poderia ser melhor trabalhar com a elite do que contra ela, mas isso significa que deveríamos abrir mão dos objetivos da revolução?

Adotando de novo uma sugestão do povo à época, podemos dividir as respostas em dois grandes grupos: os *ni-nis* contra os *íli-ílis*. Em russo, “*ni-ni*” significa “nem-nem” – ou, no contexto de 1917, “nem Lênin, nem Kornílov”. Os *ni-nis* rejeitaram os extremos e chamavam as pessoas sensatas de ambos os campos, o socialista e o da elite, a trabalharem juntas. Ainda hoje, muitos historiadores acham que esse caminho era possível e que foi uma oportunidade perdida.

Em russo, “*íli-íli*” significa “ou-ou”: representantes da elite e representantes da constituinte dos soviets *não podem* trabalhar em conjunto, e a tentativa de fazê-lo significará políticas falhas e, em última instância, um *vlast* falido. Se for esse o caso, então há apenas dois caminhos para escapar da *krízis vlasti*: ou estabelecer um governo só com os partidos dos soviets, ou se livrar do que os membros enfurecidos da elite

² Cf. DORR, 1917. Este livro extremamente útil será logo reimpresso; o texto está disponível apenas online. Como um apêndice a essa conversa, incluí uma descrição mais exaustiva do retrato da Rússia anterior à Revolução de Outubro feito por Dorr.

chamavam depreciativamente de “comitês”, isto é, se elimina o sistema dos sovietses como uma força nos assuntos nacionais.

Por sua vez, havia duas estratégias possíveis para eliminar o sistema soviético: o *golpe duro* ou o *golpe brando*. Uma tentativa de golpe *duro* foi feita pelo General Kornílov, em fins de agosto – mas isso foi uma aventura despropositada desde o começo, porque ia contra os fatos concretos da política em 1917, ou seja, os sovietses tinham a lealdade das forças armadas. O golpe brando baseou-se numa estratégia diferente: ele tentou diversos meios para criar outro *vlast* de grande alcance com apoio nacional, enquanto pedia aos sovietses para se retirarem voluntariamente. Nessa categoria ocorrem experimentos similares à Conferência Democrática e o Pré-Parlamento, durante o outono. Cada vez mais, a Assembleia Constituinte tornou-se o centro das tentativas de um golpe brando, isto é, de induzir o poder soviético a se curvar com graça.

Para o eleitorado soviético, a questão foi decidida em inícios de setembro, quando novas maiorias nos sovietses de Moscou e Petersburgo demonstraram seu apoio a um governo totalmente soviético e antiacordista. Isso tornou evidente que o futuro Segundo Congresso dos Sovietses seguiria a mesma linha. A questão, então, ficou sendo: a constituição tácita se sustentaria? Seria a nova maioria soviética capaz de exercer o mesmo controle supremo sobre as políticas governamentais e seu pessoal, como fazia a antiga maioria do Sovietses? É comum dizer que outubro foi a época em que os sovietses derrubaram o Governo Provisório. Da nossa perspectiva, este foi o momento em que o Governo Provisório não conseguiu derrubar os sovietses.

Ao mesmo tempo, os sovietses atribuíram a liderança política ao partido bolchevique. Essa escolha foi uma implicação inevitável para a decisão mais fundamental de manter a existência do poder soviético, uma vez que os bolcheviques eram a única força política organizada disposta e capaz de fazer isso. (A Esquerda SR tinha disposição suficiente, mas mal constituía uma força política organizada.) A dissolução da Assem-

bleia Constituinte em inícios de janeiro acabou com a última chance de pôr fim ao poder soviético pacificamente, isto é, através de uma autodissolução voluntária. A partir de então, a questão foi resolvida no campo de batalha.

Já delineei como o *vlast* embrionário, estabelecido em Fevereiro, adquiriu um atributo bastante essencial à soberania: a habilidade de sustentar sua existência, de eliminar todos os rivais pleiteantes e *não* ser eliminado por eles. Em um artigo recente, relatei como três observadores russos da época, a partir dos mais variados pontos do espectro político, analisaram o modo como o novo *vlast* adquiriu outros atributos essenciais durante a guerra civil.³

A revolução democrática antiburguesa

Agora me debruçarei sobre o porquê de eu pensar que o processo acima descrito poderia ser chamado de “revolução democrática antiburguesa”. Começarei por ler uma passagem escrita em 1922 pelo líder menchevique Fiódor Dan, a respeito de suas recentes experiências na Rússia soviética. Ele sentia que a derrota do Exército Vermelho campesino na Polônia não fora apenas um fracasso militar:

[O Exército Vermelho] foi, é, e será invencível quando a questão for a defesa ou a proteção das conquistas revolucionárias dos camponeses contra as incursões da reação interna ou do imperialismo estrangeiro. Para defender o terreno que ele conquistou de um possível retorno do senhor de terras, o camponês do Exército Vermelho lutará com o maior heroísmo e o maior entusiasmo. Ele avançará de mãos vazias contra canhões e tanques, e seu fervor revolucionário contagiará e desorganizará até as tropas mais esplêndidas e disciplinadas, como nós vimos acontecer com os alemães, os ingleses e os franceses em igual medida...

Mas a ideia do comunismo bolchevique é tão estranha, e até hostil à mentalidade do Exército Vermelho camponês, que ele não consegue nem se inflamar nem contagiar os ou-

³ LARS, 2015.

tros com ela. A ideia de uma guerra para converter a sociedade capitalista em uma sociedade comunista não o atrai, e esse é o limite do potencial do Exército Vermelho para os bolcheviques.⁴

A passagem traz para nós dois pontos centrais da revolução russa. Primeiro, era forte ao expressar o programa camponês, e fraca ao ultrapassar seus limites. Este ponto justifica a parte “democrática” da minha definição. Segundo (um ponto encoberto por Dan), os camponeses dificilmente poderiam constituir uma força combativa eficiente, a menos que tivessem a liderança política de um partido embasado no setor urbano do *naród* – um partido que fosse capaz de usar as habilidades essenciais da elite, dos oficiais, mesmo que garantindo que os oficiais não tivessem influência política, especialmente na questão central da terra dos camponeses. Isto justifica a parte “antiburguesa” da minha definição, especialmente diante do amplo sentido popular dado a “burguês” em 1917.

Posso explicar melhor esse sentido que emprego respondendo às mais óbvias objeções. Primeiramente, um regime de partido único extremamente repressivo, com eleições fraudulentas e uma total ausência de liberdade política – como poderíamos chamar isso de “democrático”? Bem, “democracia” é uma palavra com uma ampla gama de significados e pelo menos dois aspectos são aplicáveis, talvez inevitavelmente, à Revolução Russa. Em primeiro lugar, “democracia” significa “um sistema dominado pelo *demos*, o *naród*”. Esse sentido de “democracia” não é incompatível com tirania – vide Platão. Apesar da falta de liberdade política, o começo da Rússia soviética pode ser descrito, precisamente, como um *vlast* do “trabalhador-camponês” em diversos aspectos cruciais. Todo o estrato dos senhores de terra foi liquidado como classe, a antiga elite educada foi completamente excluída do poder, as novas instituições governamentais foram, gradualmente, preenchidas por trabalhadores e camponeses, muitas das políticas do novo governo almejavam conseguir o apoio dessas classes (por exemplo, as campanhas de alfabetização em massa), e os

⁴ Cf. KING, 2016. Essa memória, bem apresentada, é enfaticamente recomendada.

trabalhadores e camponeses eram continuamente cantados em verso e prosa. Mesmo a imensa intolerância política é, de certa forma, uma característica “democrática”, na medida em que reflete os valores populares difundidos.

Em segundo lugar, no discurso marxista, “revolução democrática” refere-se a um conjunto de tarefas, uma transformação ampla da sociedade, que rejeita e desestrutura o *ancien régime*.⁵ Dentre estas tarefas estavam (no centro) terra para os camponeses, compromisso com a educação da massa, comprometimento com a proteção do bem-estar. Embora essas mudanças, de certa forma, tenham acontecido, às vezes é difícil perceber, dado o cenário de devastação da guerra civil.

Mas trazer a estrutura marxista nos leva a outra objeção: então, não deveria a revolução ser chamada de socialista? Sob certos aspectos, é claro, a revolução do *naród*, na Rússia, inevitavelmente seria “socialista”, isto é, seria liderada por socialistas comprometidos, cujos objetivos seriam estabelecer uma sociedade socialista. Os partidos socialistas tinham monopólio absoluto da lealdade política do *naród* e, além dos socialistas, nenhum outro partido jamais teve representatividade no sistema soviético. Além disso, as coisas ficam ainda um pouco menos claras e é preciso manter em mente os seguintes pontos:

1. De maneira nenhuma, seja lógica ou empírica, o projeto de estabelecimento do poder soviético exigiria um compromisso primeiro com a revolução socialista. É necessário dizer isso, porque existe um preconceito amplamente difundido nesse sentido. Por exemplo, a compreensão popular das Teses de Abril, de Lênin, é a de que ele rejeitou o objetivo dos velhos bolcheviques de uma revolução democrática, chamada de revolução socialista, e, ao fazer isso, tornou o poder soviético um objetivo aceitável. Essa leitura é completamente enganosa de várias maneiras, mas aqui só mencionaremos o fato de tanto Lênin quanto Trótski tomaram um caminho diferente em 1917, ao desvincularem a revolução socialista de poder soviético.

⁵ Em francês, *ancien régime*. (N. do T.)

Ambos enfatizaram que o poder soviético era reconhecido até pelas definições burguesas de democracia.

2. O objetivo em si da revolução socialista na própria Rússia *não* era parte da mensagem bolchevique em 1917. Os bolcheviques não propuseram um programa especificamente socialista. Na verdade, eles mal tinham um programa. O que eles fizeram foi se vender ao eleitorado do Soviete como o partido que tinha a vontade política de *cumprir na prática* as promessas programáticas dos outros partidos.

3. Em 1918, o próprio Lênin disse que outubro de 1917 representava meramente a parte democrática da revolução, que estava se tornando socialista apenas agora, em fins de 1918, quando o campesinato começava a se cindir. (Bukhárin repetiu essa análise em 1925.) Mas a esperança de Lênin em uma ruptura de larga escala no campesinato provou ser uma ilusão, e o regime bolchevique só sobreviveu porque achou uma base na maioria dos camponeses. Como escreve Evguêni Preobrajênski, em 1920 (note bem, *antes* da NEP):

Ao longo de toda a guerra civil, o campesinato médio não marchava ombro a ombro com o proletariado. Ele vacilou mais de uma vez, principalmente ao deparar-se com novas condições e novos fardos; mais de uma vez ele se aproximou dos seus inimigos de classe. [Mas] o estado do trabalhador/camponês, alicerçado por uma aliança do proletariado com 80% dos camponeses, já não poderia ter concorrentes pelo *vlast* dentro das fronteiras da Rússia.⁶

4. Em retrospectiva, Lênin e os outros foram obrigados a notar que as conquistas *democráticas* da revolução (“democráticas”, conforme o sentido marxista acima discutido) eram muito mais visíveis e completas do que os tímidos passos em direção à transformação socialista do país. A “revolução democrática” era real, a “revolução socialista” era declarativa.⁷

⁶ Preobrajênski, 1920.

⁷ Um ponto que precisa ser ressaltado é que este tipo de retrospectiva aconteceu *antes* da introdução da NEP, em 1921, e também depois. Em outras palavras, nunca houve um período em que os bolcheviques achassem que estavam por trazer a transformação do socialismo utópico (como o estereótipo de “comunismo de guerra” afirma), e que, depois, eles se tornaram mais sóbrios e mais realistas. Pelo contrário, eles sempre estiveram cômicos

5. Mais importante, o “socialismo” estava subordinado à preservação do apoio dos camponeses. Os *únicos* “passos em direção ao socialismo” que eram legítimos – anunciou Lênin, em abril 1917 – eram aqueles que poderiam ser vendidos aos camponeses como sendo de seu interesse. Como demonstrei em outro ponto, sempre que forçados a escolher entre os ideais socialistas e o apoio dos camponeses, os bolcheviques escolheram o apoio dos camponeses.⁸

Agora, passemos a outra linha de raciocínio, que afirma que os bolcheviques queriam uma *revolução* proletária, diferente de uma revolução do povo, ou *naród*. Uma versão desta vertente argumenta que há um forte contraste entre um discurso centrado no *naród* e um discurso centrado em *classe*, e que os bolcheviques teriam escolhido o último e rejeitado o primeiro. É claro que o que os bolcheviques diziam ou pensavam não precisa determinar como nós descrevemos a revolução. Entretanto, essas afirmações dão origem a questões significativas. Eu posso ver de onde vem esse argumento, por exemplo, nos primeiros, e polêmicos, embates entre os marxistas russos e os populistas russos, ou *naródniki*. Contudo, postular um enorme contraste entre um discurso sobre pessoas e um discurso sobre classe não é útil para entender 1917 nem, nesse sentido, o discurso do “bolchevismo de velha-guarda” anterior à guerra.

Praticamente, o termo e o conceito de *naród* estão em toda parte no discurso bolchevique em 1917. Aconteceu-me de, ao parar de escrever essa fala para uma pausa em um café próximo, deparar-me com a seguinte declaração de Trótski, feita em um momento extremamente dramático do Segundo Congresso dos Sovietes em outubro, quando outros partidos so-

de quão pouco eles avançaram em direção à verdadeira mudança socialista.

⁸ “Imediatamente depois da revolução de outubro, eles ganharam o apoio camponês ao permitir que os camponeses dividissem grandes propriedades (muito a contragosto dos socialistas ocidentais, que viam a desestruturação de grandes unidades de produção como um retrocesso econômico). Em 1919, eles se afastaram das “lutas de classes nas vilas” para uma acomodação com “o camponês médio.” Em 1920, eles basearam uma política agrícola de longo prazo em agricultura de pequena escala, no lugar de experimentos socialistas. Em 1921, eles se afastaram ainda mais ao permitir o livre comércio aos grãos”.

cialistas estavam em processo de saída: “O levante das massas populares [*narodnykh mass*] não precisa de justificativa. O que aconteceu não é uma conspiração, mas um levante”.⁹

Lênin usou o termo “classe” para se referir aos “camponeses mais pobres”. Este termo vago e indefinido era extremamente flexível e parecia significar “a maioria campesina, menos os camponeses ricos que se opusessem ao poder soviético”. Mas não é preciso cavar muito para descobrir que o termo central no discurso bolchevique a esse respeito era, e continua sendo, somente “campesinato” (*kriestíánstvo*), pura e simplesmente. (Documentei isso utilizando os muitos editoriais de Stálin para o *Právda* em agosto e setembro.) O límpido fato da questão é que os bolcheviques sempre pensaram o poder soviético como um “*vlast* trabalhador-camponês”.

Desde o começo, o cerne da perspectiva bolchevique era o assim chamado cenário “hegemônico”: o proletariado socialista lidera os camponeses “pequeno-burgueses” a levar a revolução “até o fim”, isto é, até as últimas consequências permitidas pelas circunstâncias. Certamente foram usados termos de um discurso de “classe”, como “pequeno-burguês”, mas de maneira que *não* entrasse em conflito fundamental com um discurso de “*narod*”. O cenário pinta uma parte do *narod* (o proletariado urbano) provendo a liderança política para outra parte do *narod* (o campesinato) para conquistar objetivos em *comum*. Como explicado acima, esse cenário continuou sendo válido como uma autodefinição bolchevique ao longo da guerra civil e depois.

Tendo justificado o “democrático” até certo ponto, voltemos à outra parte do meu rótulo, “antiburguesa”. Desde o começo – isto é, desde fevereiro –, o eleitorado soviético era hostil aos *burjúi*, tanto em seu sentido estrito de proprietários indus-

⁹ *Vtorói siezd*, p. 41. Estranhamente, a presença dos termos “*narodescos*” no discurso bolchevique em 1917 foi um motivo de desavença entre Stálin e Trótski, em 1924. Trótski zombava do uso desse tipo de discurso pelos bolcheviques, ele não gostava (o que contribui para o meu argumento); triunfantemente, Stálin apresentou uma passagem em que Lênin falava sobre o *narod*. Esse toma lá dá cá era extremamente superficial, mas vale notar que o próprio Trótski usava esse discurso *narodocêntrico* em 1917 - o exemplo citado acima é típico, nada extraordinário.

triais quanto em seu sentido mais amplo, os *tsenzoviki*, os *bielorúchki* (os de mãos brancas) e outros termos desagradáveis para a elite letrada. Mesmo nos primeiros dias, quando a esperança de uma parceria real ainda estavam nas alturas, os *burjúi* eram vistos com suspeita e, de fato, presumia-se automaticamente sua falta de sinceridade. Um comprometimento positivo às instituições socialistas era muito menos poderoso do que uma atitude negativa em relação à burguesia, tanto como indivíduos quanto como aos valores burgueses. A ânsia antiburguesa surge organicamente do próprio fato do poder soviético, e não só dos sonhos dos intelectuais socialistas.

Qualquer coisa parecida com uma classe burguesa, instituições de mercado e valores de classe média foi destruída pelos “tempos difíceis” russos, que começaram em 1914, e não havia vontade social ou política para reconstituí-la. Então, o socialismo na União Soviética ganhou corpo pela ânsia de fazer um grande país moderno funcionar sem uma burguesia, ou um mercado autônomo, ou o pluralismo burguês. Assim, tanto as dinâmicas sociais em curto prazo quanto o resultado econômico de longo prazo da revolução foram determinados, em primeiro lugar, pela ânsia antiburguesa do eleitorado soviético.

Concluirei com algumas palavras de um apelo feito pelo Segundo Congresso dos Sovietes durante a Revolução de Outubro, em resposta à debandada dos partidos socialistas opostos ao poder soviético. Os slogans abaixo condensam a maneira de a revolução se definir como democrática e antiburguesa. Note a declaração de hostilidade à burguesia mais do que qualquer referência ao socialismo (uma característica da retórica do Segundo Congresso), a centralidade da rejeição do acordismo, e a afirmação da legitimidade de um *vlast* baseado no *naród*: “Abaixo os acordistas (*soglachátieli*)! Abaixo os serviços da burguesia! Vida longa ao levante dos soldados, trabalhadores e camponeses!”¹⁰

¹⁰ *Vtorói siezd*, p. 42.

Apêndice: *Inside the Russian Revolution*

(Passagens do livro de Rheta Childe Dorr, de um pronunciamento anterior sobre o poder soviético em 1917)

Para lhes fornecer uma ideia da situação em 1917, incluo aqui alguns excertos de um livro da americana Rheta Childe Dorr, correspondente, ativista dos direitos da mulher, socialista autodeclarada, embora, como veremos, seja de uma espécie peculiar. O nome do livro é *Inside the Russian Revolution*. Na seguinte passagem, ela descreve sua primeira impressão da Rússia ¹⁰:

Uma das primeiras coisas que vi na manhã de minha chegada a Petrogrado... foi um grupo de rapazes, cerca de vinte, que, suponho, marchava pela rua, diante do meu hotel, carregando uma bandeira escarlate com uma inscrição em grandes letras brancas.

– O que diz aquela bandeira? – perguntei ao recepcionista do hotel, que estava ao meu lado.

– Diz: ‘Todo Poder ao Soviete’ – foi a resposta.

– O que é o Soviete? – perguntei, e ele respondeu brevemente:

– É o único governo que agora temos na Rússia.

A julgar por esta passagem, a maioria de nós, naturalmente, haveria de supor que Rheta chegou à Rússia depois da revolução bolchevique, em outubro, quando os sovietes derrubaram o Governo Provisório. Mas, na verdade, Dorr chegou em fins de maio de 1917 e ficou na Rússia só até fins de agosto. O livro dela consiste em colunas de jornal escritas durante o outono; ele foi enviado à gráfica *antes* da Revolução de Outubro. Sua perspectiva nos mostra um olhar de valor inestimável sobre o que ocorria em 1917, livre de retrospectivas.

O relato de Dorr traz um fato essencial: “Os sovietes, ou conselhos dos soldados e delegados dos trabalhadores, que se espalharam qual fogo descontrolado pelo país, são o mais

próximo de um governo que a Rússia já conheceu desde os primeiros dias da revolução... Petrogrado não é a única cidade em que o Conselho dos Delegados dos Trabalhadores e Soldados assumiu o controle sobre os destinos do povo russo. Todas as cidades tinham o seu conselho, e não havia questão, civil ou militar, que eles não se sentissem capazes de resolver” (10, 19). A própria Dorr era intensamente hostil ao que sentia ser o regime tirânico da multidão, em parte por causa de sua devoção à guerra contra a Alemanha. Ela considerava o domínio soviético nada melhor, e em alguns aspectos até pior, que o dos tsares. Peguemos a censura à imprensa:

Ainda que [o viajante americano médio] pudesse ler todos os jornais diários, mesmo assim, ele não conseguiria muita informação. A censura à imprensa é tão rígida e tirânica hoje quanto era no ápice da autocracia, só que um tipo diferente de notícias é suprimido (5).

Para dar aos seus leitores americanos uma ideia da “febre dos comitês” que tinha tomado a Rússia, ela usa a seguinte analogia:

Tentem imaginar como seria, digamos, em Washington, no escritório do secretário da Fazenda, se um comitê da Federação Americana do Trabalho entrasse e dissesse: “Nós viemos controlá-lo. Entregue seus livros e todos os seus papéis confidenciais”. É isso o que acontece com os ministros na Rússia, e vai continuar até que consigam formar uma administração que responda apenas ao eleitorado, e que não seja escravo do Conselho dos Delegados dos Trabalhadores e Soldados (47-8).

Dorr mantinha-se cética em relação às afirmações do Soviete, de que ele não queria controlar o *vlast* supremo da terra. Ela descreve um episódio das disputas políticas internas que levaram à Revolução de Outubro:

Os Sovietes? Depois de uma briga feroz, eles votaram incessantemente a favor do apoio a Kêrenski. Eles votaram uma vez para dar a ele o poder supremo. Mas eles nunca estiveram satisfeitos com isso, e Kêrenski sabia muito bem disso. Eles provaram ser desonestos, me parece, por suas ações em outubro,

ao se recusarem a apoiar qualquer ministério que não fosse feito exclusivamente de socialistas, e, portanto, fazendo de tal corpo objeto de crítica e controle (205).

Para Dorr, a única esperança de salvação para a Rússia seria se os elementos sãos da sociedade “pegassem pelo colarinho essa turba russa imensa, desorganizada, ignorante, agitada e ansiosa e a forçasse a escutar a voz da razão” – operação cujo custo, ela sabia, seria um grande derramamento de sangue (34, 38). Ela é implacavelmente otimista no final de seu livro, pois sentia que a Fome e o Frio do “General Janeiro” destruiria o poder soviético nos próximos meses. O julgamento final sobre a Rússia, anterior a Outubro: “Vi um povo entregue a uma tirania de classe apressando-se por instaurar outra, tão brutal e despreocupada com o bem comum quanto a anterior”.

Referências bibliográficas

DORR, Rhetta Childe. *Inside the Russian Revolution*. New York: The Macmillan company, 1917.

KING, Francis (ed.). *Two Years of Wandering: A Menshevik Leader in Lenin's Russia*. London: Lawrence & Wishart, 2016.

LIH, Lars T. “Bolshevism’s ‘Services to the State’: Three Russian Observers”. In: *Revolutionary Russia* (28: 2, 2015). Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09546545.2015.1092774>

Preobrajênski, Evguêni. “Social Base of the October Revolution”. In: *Pravda*, 7 November 1920.

Vtorói siezd RSDRP, iiul'-avgust 1903 goda: Protokoly 1959, Moskva: Gospolizdat.

Tradução: Rafael Bonavina¹¹

¹¹ Aluno da área de Língua e Literatura Russa, FFLCH/USP.